

# O Ouv<sup>ido</sup> de MAXWELL

*pare escute sinta*



emissões: 5 e 12 de Janeiro de 2006

## I Os ouvidos não têm pálpebras

*Sem a música a vida seria um erro.*

NIETZSCHE

Todo o som é o invisível sob a forma do perfurador de envelopes. Quer se trate de corpos, quartos, apartamentos, castelos. Imaterial, ele ultrapassa todas as barreiras. O som ignora a pele, não sabe o que é um limite: ele não é nem interno, nem externo. Ilimitável, ele é ilocalizável. Não pode ser tocado: ele é incapturável. A audição não é como a visão. Aquilo que é visto pode ser parado pela parede ou pela cortina, pode ser tornado inacessível pela muralha. O que é ouvido não conhece nem pálpebras, nem paredes, nem cortinas, nem muralhas. Indelimitável, ninguém se pode proteger dele: os ouvidos não têm pálpebras.

### Genérico

O Ouvido de Maxwell

**soundscape:** música para o filme *Psycho* de Bernard Hermann

(0.0) 0.0

## Texto #1

### Edite

Os ouvidos não têm pálpebras

**soundscape:** música para o filme *Psycho* de Bernard Hermann

(0.51) 0.51

## Música #1

*Beata Viscera*, PEROTIN, Hilliard Ensemble, "Perotin", faixa 8, ECM New Series 1385

(6.15) 7.6

*Lena Virtù*, PAOLO DA FIRENZE, Mala Punica, "Narcisso Speculando", faixa 4,  
Harmonia Mundi 901732

(5.58) 13.4

## Texto #2

### Edite

**soundscape:** cena entre Saint-Colombe e Marin Marais, do filme  
*Tous les Matins du Monde*

Quando a música era rara, a sua convocação era perturbante, e a sua sedução vertiginosa. Quando a sua convocação é incessante a música torna-se repelente. É o silêncio que a convoca e é solene.

O ouvido é o único sentido onde o olho não vê.

(0.29) 13.33

Porque é que o ouvido é a porta daquilo que não é deste mundo? Porque é que o universo acústico tem desde a sua origem acesso privilegiado ao outro mundo?

[pausa curta]

O ser, está ele mais ligado à língua, à música, à noite, que as coisas visíveis e coloridas que o sol nos dá a ver cada dia?

[*pausa curta*]

É o tempo o florescer próprio ao ser e o obedecer a sua flor? A música, a linguagem, a noite e o silêncio as suas flechas? A morte, o seu alvo? (1.40) 15.13

## Música #2

*Graduale — Si ambulem in medio umbre mortis*, JOHANNES OCKEGHEM, Ensemble Organum, “Ockeghem: Requiem”, faixa 4, Harmonia Mundi HMC 90 1441

(7.34) 22.47

## Texto #3

### Edite

**soundscape:** cena entre Saint-Colombe e Marin Marais, do filme *Tous les Matins du Monde*

A ocasião da música durante milénios, foi tão singular, intransportável, excepcional, solene, ritualizada tal como o eram uma assembleia de máscaras, uma gruta subterrânea, um santuário, um palácio real, um funeral, um casamento.

O rei Louis XIV não escutava senão uma única vez todas as obras que Couperin ou Charpentier propunham à sua atenção na sua capela e ou no seu quarto. No dia seguinte outras obras estavam prontas a soarem pela primeira e última vez. Como este rei apreciava a música escrita, acontecia-lhe pedir para ouvir 2 vezes uma obra que ele tinha apreciado. A corte espantava-se com o seu pedido e comentava-o. Os memorialistas mencionam tal nos seus livros como uma singularidade. (1.19) 24.6

## Música #3

*La Du Breüil*, ANTOINE FORQUERAY, Jordi Savall et al., “Antoine Forqueray: Pièces de Viole, Tome I”, faixa 9, Naïve ES9977

(4.34) 28.40

## Texto #4

### Edite

**soundscape:** cães a ladrar

No mundo europeu até 1914, o galo dizia a aurora, o cão o estrangeiro, o corno a caça, o carrilhão da igreja marcava a hora, a trompa a diligência, o vidro a morte, o charivari o recasar das viúvas, as flautas e os tambores o sacrifício de uma efígie de carnaval. A cigarra convocava o Verão com o seu cantar estridente. (0.40) 29.20

## Música #4

*Canta la cicaleta*, STEFANO LANDI, L'Arpeggiata, "Stefano Landi: Homo Fugit Velut Umbra", faixa 11, Alpha 020

(5.24) 34.44

## Texto #5

### Edite

**soundscape:** roulotte que vende fados — e oferece ruído a quem passa — e outros apelos sonoros à compra no comércio local; Rua do Carmo, Lisboa

Aquilo que era raro tornou-se frequente. Aquilo que era o mais extraordinário tornou-se um cerco que assedia sem parar a cidade e o campo. Os homens tornaram-se os assediados da música, os sitiados da música. A música tonal e orquestral tornou-se o *tonos* social mais que as línguas vernaculares.

O silêncio

[*pausa longa*]

tornou-se o vertígio moderno. Da mesma forma que constitui um luxo excepcional nas mégapoles.

(8.41) 35.25

## Música #5

*Responsorio delle tenebre a sei voci*, SALVATORE SCIARRINO, Singer Pur, "Rihm · Sciarrino · Moody · Metcalf", faixa 5, Oehms Classics OC 354

(8.41) 44.6

## Texto #6

### Edite

**soundscape:** música aos berros na Rua Ivens Lisboa, o proprietário do imóvel resolveu partilhar o ruído, i.e., a música que devia ouvir só para si com os incautos transeuntes, que agradecem o gesto

A alta fidelidade tornou-se o fim da música erudita escrita. Escuta-se a fidelidade material da reprodução e não mais a sonoridade estuporante do mundo da morte. Uma simulação excessiva do real suplantou o som real que se desenvolve e é tragado no ar real. As condições do directo e do concerto chocam cada vez mais o ouvinte cuja erudição se tornou tão tecnológica quanto maníaca. É a audição da acústica. É a audição que se domina, em que se pode aumentar ou diminuir o volume, que se pode interromper, ou onde se pode pela acção do dedo e olho libertar a total-potência.

(1.17) 45.23

**soundscape:** Malcom X, Hitler e Mussolini em animadas arengas

O fascismo está ligado ao altifalante. Ele multiplica-se com a ajuda da "radio-fonia". Depois foi transmitido pela "tele-visão".

(1.02) 46.25

**soundscape:** cena de tiroteio na auto-estrada do filme *Targets*

Ao longo do séc. XX uma lógica historial, fascista, industrial, eléctrica — qualquer que seja o epíteto que se tome — munuiu-se de sons ameaçadores. A música, pela multiplicação, não do seu uso (o seu uso rarefez-se) mas da sua reprodução, como da sua audiência, cruzou a fronteira que que a opunha ao ruído. Na cidade a difusão de melodias gerou reacções de fobia, degenerando de forma heróica em mortes à carabina.

(1.43) 48.8

O ouvido na altura do adormecer é o último sentido que capitula perante a passividade inconsciente que chega.

(0.9) 48.17

## Música #6

*Canzoneta sacra sopra alla nanna*, TARQUINIO MERULA, His Earle Viols & Evelyn Tubb, “La Tavola Cromatica: Un’accademia musicale dal Cardinale Barberini”, faixa 17, Raumklang RK 2302

(7.46) 56.3

## Texto #7

### Edite

**soundscape:** música ambiente difundida pelo PA do CCB antes de um espectáculo do palhaço Slava e a sua trupe; mistura com a big brotheresca TV do Metro de Lisboa captado muito apropriadamente na estação Jardim Zoológico

A música multiplicada ao infinito como a pintura reproduzida nos livros, as revistas, os postais, os filmes, foram arrancados à sua unicidade. Tendo sido arrancados à sua unicidade, foram arrancados à sua realidade. A sua multiplicação privou-os da sua aparição. Privou-as da sua fascinação original, e da sua beleza. As antigas artes tornaram-se cintilações esfuziantes de espelhos, um sussurrar de ecos sem origem.

(0.46) 56.49

Para lá do que é semântico está hospedado o corpo da linguagem: a definição da música.

(0.9) 56.58

## Música #7

*Padu...Serenans*, JOHANNES CICONIA, Mala Punica, “Sidus Preclarum. Ciconia: Complete Motets”, faixa 15, Erato 3984-21661

(3.12) 60.10

## Texto #8

### Edite

O silêncio é para as orelhas o que a noite é para os olhos.

**soundscape:** JL abre a porta e caminha em frente

Quando a música soa, uma porta abre-se e nós

[*pausa curta*]

entramos.

(0.30) 60.40

**Tempo total: 60.40**

## **Agradecimentos**

João Jarego, Luís Leão, Tomás de Oliveira Marques, João Almeida, Luísa Tavares,  
João Ludovice